

FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL.

UMA LEITURA FREYREANA.

Luiz Carlos Ribeiro
Depto de História - UFPR

Introdução

E recorrente na historiografia brasileira a idéia da importância do futebol na configuração da identidade nacional. A própria cronologia da formação e do desenvolvimento desse esporte, no Brasil, toma essa relação como referência. Ou seja, o futebol teria sua fase de formação nas primeiras décadas do século XX, basicamente com características elitistas e de influência européia e somente a partir dos anos trinta teria adquirido características propriamente nacionais – uma forma específica de se jogar –, constituindo-se em uma das bases da cultura nacional e popular. A consolidação desse momento coincide com uma vasta produção intelectual de legitimação de um ideário nacional, o contexto da cultura política do Estado Novo varguista. Dentre os intelectuais que melhor contribuíram para esse ideário, Gilberto Freyre encontra-se entre os mais referidos. O objetivo dessa comunicação, portanto, é o de localizar no pensamento freyreano os argumentos de legitimação dessa identificação entre futebol e brasilidade, a partir dos anos trinta, bem como discutir os elementos que teriam permitido a permanência desse ideário na cultura política brasileira.

Na análise que desenvolve sobre a instituição do imaginário social, Castoriadis¹ apresenta a sua inquietação sobre o que permite às representações sociais dar a impressão de possuírem uma autonomia relativamente à sociedade. Refere-se o autor, à capacidade de determinadas idéias adquirirem alguma permanência e se constituírem em matriz política, irradiando-se na sociedade de tal modo que parecem ser naturais, a-históricas, terem existido desde sempre.

A reflexão realizada por Castoriadis nos autoriza a exercitá-la com relação a obra de Gilberto Freyre, na medida em que o seu pensamento adquiriu uma significativa autonomia na representação da sociedade brasileira e, em especial, do futebol brasileiro.

Entre os intelectuais que analisaram a obra de Freyre – críticos ou elogiosos – há consenso ao concordarem sobre o papel de seu pensamento na estratégia de racionalização de um ideário nacional. Entre muitos, Michel Zaidan classificou as teses de Freyre sobre a identidade do homem brasileiro como “uma das mais duradouras produções ‘discursivas’ da cultura brasileira do século XX”.²

Nesse sentido, a autonomia e a sobrevida, na cultura política brasileira, da “leitura do real” de Freyre, nos leva a considerá-la como uma racionalização que deu sentido e funcionalidade à realidade. Distante em nossa leitura, portanto, a intenção de ver nos escritos desse autor uma

quimera, mesmo que na maioria das vezes estejam carregados de uma forte imaginação criadora. Ao contrário, é talvez seu estilo romanceado e carregado de simbologia que teria facilitado sua afirmação como síntese nacional.

Ao comentar os fatores de atração que a obra de Freyre exerceu sobre seus leitores, Thomaz comenta o uso que o autor faz, de certa forma indiscriminado, de fontes pouco convencionais, como sua memória pessoal, de histórias que lhe haviam sido contadas na sua meninice”.³

Assim, no estudo da obra de Freyre deve ter-se muito cuidado com os dados por ele fornecidos. Seus escritos devem ser analisados como fonte para a compreensão da ideologia de seu tempo. Aliás, o próprio Freyre deixou por diversas vezes bastante claro seu engajamento político com a produção de um imaginário coletivo brasileiro dos anos 30 e 40. No prefácio da primeira edição de *Casa Grande & Senzala* (1933), Freyre reclamava para si a tarefa intransferível de pensar a unidade nacional: “Era como se tudo dependesse de mim e dos de minha geração; da nossa maneira de resolver questões seculares”.⁴ Ou seja, o Brasil não tinha uma compreensão de si, cabendo a ele e a sua geração, a tarefa da sistematização.

O “mulato flamboyant”: síntese do homem e do jogador brasileiros

Na verdade, são poucos os escritos de Freyre especificamente sobre o futebol. Além de algumas notas na obra *Sociologia* (1945)⁵, do prefácio escrito para o livro de Mario Rodrigues Filho, *O negro no futebol brasileiro* (1947)⁶, há apenas algumas notas dispersas nos seus escritos na imprensa. De qualquer modo, os escritos de Freyre sobre o futebol brasileiro têm uma matriz única, a da miscigenação das raças que teria produzido no Brasil um tipo peculiar de jogador: o mulato flamboyant. Este seria a síntese da nossa democracia social: “A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que doutro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala”.⁷ Girando em torno dessa temática, portanto, há pouca inovação nos escritos de Freyre. A citação abaixo, escrita em pleno desenvolvimento da Copa do Mundo de 1938, na França, logo após a vitória brasileira contra a Tchecoslováquia (que possibilitou a classificação às semifinais), é um extrato de seu pensamento sobre miscigenação, democracia social e futebol no Brasil.

Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de futebol, e esse estilo é uma expressão a mais do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, curvas ou em músicas, as técnicas européias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam elas de jogo ou de arquitetura. Porque é um mulatismo o nosso –

psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato – inimigo do formalismo apolíneo sendo dionisíaco a seu jeito – o grande feito mulato.⁸

Ou ainda

O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e capoeiragem que marcam o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo *flamboyant* e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil⁹

Há, portanto, uma confluência óbvia entre seus escritos sobre a civilização brasileira, e os específicos sobre o futebol. Na verdade, após o terceiro lugar conquistado pelo Brasil na Copa da França, Gilberto Freyre passou a incorporar nos seus livros o exemplo do futebol como evidência da vitória do mulato como a identidade do homem brasileiro.

Mas é através da obra de Mario Rodrigues Filho, *O negro no futebol brasileiro*, de 1947, que a visão freyreana do futebol se difunde e passa a influenciar os escritos, tanto de memorialistas quanto no meio acadêmico.¹⁰

Não por acaso, o autor do prefácio do livro de Mario Filho foi Gilberto Freyre. Nesse prefácio, Freyre reforça a sua tese do esforço civilizador brasileiro através da mestiçagem:

Aqui está um capítulo da história do futebol no Brasil que é também uma contribuição valiosa para a história da sociedade e da cultura brasileiras na sua transição da fase predominantemente rural para a predominantemente urbana. Além disso, as páginas mais sugestivas de Mario Filho nos põem diante do conflito entre estas duas forças imensas – a racionalidade e a irracionalidade – no comportamento ou na vida dos homens. No caso, homens do Brasil. Homens de uma sociedade híbrida, mestiça, cheia de raízes ameríndias e africanas e não apenas européias.

Creio não dizer novidade nenhuma repetindo que por trás da instituição considerável que o futebol tornou-se em nosso país se condensam e se acumulam, há anos, velhas energias psíquicas e impulsos irracionais do homem brasileiro, em busca da sublimação.¹¹

A tese central da obra de Mario Filho tem uma dupla face de um mesmo movimento: ao mesmo tempo em que descreve – com uma interpretação muito pessoal e com um estilo muito próximo ao de Freyre – a ascensão social do negro através do futebol, no Brasil, vê nessa evolução a consolidação de nossa identidade nacional. A vitória do negro no futebol brasileiro – expressa nas

glórias futebolísticas de um Arthur Friedenreich, filho de pai alemão e mãe negra, e Leônidas da Silva, filho de pai português e mãe negra – é a consolidação a identidade Brasil.

O interessante é que a tese da sublimação do homem e da nação brasileiros, presente nos escritos de Freyre e Mario Filho, como evidencia a vitória social do negro através do futebol, não fica circunscrita apenas ao século XX. Nos escritos de Freyre, a impressão que se tem é de que essa ascensão social esteve colocada desde o princípio e essa é a sua tese da cordialidade entre a casa grande e a senzala. Referindo-se a benevolência do português com o escravo – sobretudo com a mulher negra e seus filhos ilegítimos, base social do nosso mulatismo – Freyre afirma que atitude do colonizador fora “sempre no sentido de favorecer o mais possível a ascensão social do negro”.¹²

A força da permanência

As tentativas para explicar o sucesso dos escritos de Freyre sobre o processo civilizador brasileiro, como um fenômeno de ascensão social do negro pela mestiçagem, têm sido uma constante – dentro e fora dos meios acadêmicos. Temos consciência que, no limite, esses estudos acabam reforçando um certo mito que existe em torno do autor. Mito, aliás, que o próprio Freyre fez questão de criar e difundir. Nosso trabalho pode ocorrer na mesma armadilha, mas a disseminação do ideário freyreano encontra-se de tal modo disseminado na cultura futebolística brasileira que é impossível se pensar sociologicamente o futebol, sem dialogar com essas teses. A característica estrutural da sociedade brasileira, de um não discernimento entre o espaço público e privado, síntese da anomia que caracteriza a estrutura desse esporte e de quase o tecido social, com certeza ajuda a explicar a durabilidade e a força ideológica desse discurso, que nos obriga ao diálogo. Aliás, problemática já denunciada por um contemporâneo dos anos 30 de Freyre, o historiador Sérgio Buarque de Holanda.¹³

No sentido de procurar entender a força da permanência dessas produções discursivas, dois aspectos precisam ser destacados: 1. a necessidade da sublimação, tendo o negro ou o mulato como referência, inscreve-se naquilo que os críticos da cultura brasileira chamam de recalque (Antonio Candido¹⁴) ou ressentimento (Stella Bresciani¹⁵); 2. o imperativo de produzir um imaginário de identidade nacional, centrado no “homem brasileiro” é uma expectativa que percorre de alguma forma toda a sociedade brasileira, sobretudo entre as elites, desde meados do XIX. Esses dois aspectos não podem ser analisados em separados, na medida em que um justifica e dá sustentabilidade ao outro.

É no campo artístico e literário, e no da produção intelectual que localizamos o universo cultural do discurso produtor da identidade esportiva e social brasileira. É nessa direção que o crítico Antonio Candido, em artigo datado de 1950, procurará compreender o desenvolvimento da cultura brasileira – em especial a literatura – a partir da necessidade das elites intelectuais

produzirem um discurso ao mesmo tempo de rompimento com tradição colonial e de dependência portuguesa, e de invenção e legitimação dos novos valores. Ou seja, o reordenamento geral da economia e da política ao longo do século XIX, colocou para as classes dirigentes o imperativo de uma nova governabilidade e sua legitimação como classe dirigente.¹⁶ De um lado o dilema – ou a dialética, como prefere Candido – entre o localismo e o cosmopolitismo e, de outro, a questão do recalque: “o que se poderia chamar ‘diálogo com Portugal’, que é uma das vias pelas quais tomamos consciência de nós mesmos”.¹⁷ Para o autor, essa dialética se colocou em dois momentos decisivos de nossa inteligência: o Romantismo, no século XIX (1836-1870) e o chamado Modernismo, no século XX (1922-1945). O primeiro ainda procurando superar a influência cultural de Portugal, o segundo pura e simplesmente desconhecendo o peso cultural da antiga metrópole.¹⁸

Nessa trajetória, a questão da identidade do povo e da nação foi colocada de forma recorrente. Mas o Modernismo, ao ter rompido com o recalque, funda nossa identidade. Aquilo que era uma de nossas maiores deficiências – a miscigenação que colocava o mulato como padrão de homem brasileiro – passa agora a ser vista com positividade.

O mulato e o negro são definitivamente incorporados como temas de estudo, inspiração, exemplo. O primitivismo é agora fonte de beleza e não mais de empecilho à elaboração da cultura. Isso, na literatura, na pintura, na música, nas ciências do homem.

Mário de Andrade, em *Macunaíma* (a obra central e mais característica do movimento), compendiou alegremente lendas de índios, ditados populares, obscenidades, estereótipos desenvolvidos na sátira popular, atitudes em face do europeu, mostrando como a cada valor aceito na tradição acadêmica e oficial correspondia, na tradição popular, um valor recalcado que precisava adquirir estado de literatura.¹⁹

Nesse sentido, Candido encontra na obra de Freyre, uma complementaridade interessante: “A obra de Gilberto Freyre assinala a expressão, neste terreno, das mesmas tendências do Modernismo, a que deu por assim dizer coroamento sistemático, ao estudar com livre fantasia, o papel do negro, do índio e do colonizador na formação de uma sociedade ajustadas às condições do meio tropical e da economia latifundiária”.²⁰

Essa tese de certa forma é reproduzida e atualizada no estudo de Stella Bresciani.²¹ Ao problematizar a questão do ressentimento e identificar os “lugares-comuns” em que ele se expressa – “o meio tropical adverso, as características das raças formadoras e a persistente alienação de nós mesmos”²² – a autora identifica-se com a tese, de 1950, desenvolvida por Candido e nos dá uma explicação para a existência e a durabilidade dessas interpretações do Brasil: a necessidade da inteligência brasileira de superar o recalque da dependência cultural portuguesa e de assumir de maneira positiva a nossa formação étnica.

Conclusão

Contudo, a partir dessa tese, faz-se necessário um destaque que, do meu ponto de vista, não foi observado nem por Candido nem por Bresciani. Se as teses do recalque e do reconhecimento a respeito de nossa formação devem permanecer como referencial, é necessário destacar que entre os modernistas de 20 e os escritos de Freyre, em 30 há uma diferença concepção fundamental.

A característica central da produção intelectual dos modernistas, como nos casos de Mario de Andrade e Oswald de Andrade é a antropofagia como um processo de 'cosmopolitização' da cultura brasileira. A nossa identidade não deveria ser nem uma mimese européia – portuguesa, francesa ou britânica – nem um xenofobismo, mas a síntese antropofágica do local e o universal, como ensaiam os manifestos da *Poesia Pau-Brasil* (1924) e *Antropófago* (1928), de Oswald Andrade.

Fundamentalmente, o que inspirava essa intelectualidade era tanto a crise de identidade republicana, liberal e cafeeira que se vivenciava nos anos vinte, quanto a necessidade de se gestar uma estratégia de identidade e de poder. E ela se faz a partir de um lugar social que experimentava com intensidade uma vida cosmopolita. Nesse sentido, o resgate das nossas raízes étnicas – principalmente a vocação dionisíaca do nosso mulato – era sem dúvida um mergulho em nosso inconsciente individual e coletivo²³, mas muito mais uma ironia do que uma afirmação, um engajamento.

De forma diversa se manifestam os escritos de Freyre. E pouco vale o argumento das mudanças ditas revolucionárias de 30 para explicar o distanciamento entre esses dois corpos de idéias. Primeiro porque os escritos de Freyre, apesar de terem sido publicadas em 30, não podem ser considerados como *resultado* dos acontecimentos políticos, pura e simples. A questão é que enquanto os Andrades refletiam a questão da identidade a partir de uma “periferia dinâmica” – São Paulo e o frenesi de sua modernização – Freyre o fazia a partir de um espaço que vivia na mais profunda estagnação – o Nordeste açucareiro –, uma sub-periferia.

O resgate do negro, na obra de Freyre está contido de um comprometimento ideológico, assumidamente distinto do lirismo lúdico dos paulistas. O projeto freyreano tem, nesse sentido, uma dupla frente de combate: a construção de um ideário nacional fundado no resgate e na fundação do homem brasileiro – o mulato flamboyant – e na tradição nordestina como síntese da sociedade.

Colaboraram para a consolidação desse pensamento nos anos 30, as descrenças no modernismo econômico e cultural que inspirava os paulistas em 20, e a centralização da política dos anos 30 e 40. A postura engajada e de um nacionalismo que respondia muito mais aos interesses das oligarquias tradicionais – sobretudo fora do eixo Rio-São Paulo – dará a Freyre mais aceitabilidade.

De todo modo, se de um lado consideramos o projeto intelectual e político de Freyre de eleger o mulato como o verdadeiro homem brasileiro, não podemos esquecer que havia outros

projetos que ora reforçavam ora negavam a estratégia freyreana. Um deles, por exemplo, eram os textos de Oliveira Vianna que via no mulato o fracasso de nossa civilização, e defendia o branqueamento e a conquista da raça pura ariana. Outro, era o discurso presente nas revistas *Cultura Política* (1941-1945) e *Ciência Política* (1940-1945), órgãos de divulgação ideológica do DIP-Departamento de Imprensa e Propaganda, do governo estadonovista, que preconizava a existência de um povo disciplinado, diverso, portanto, do mulato dionisíaco de Freyre.

Enfim, o projeto de Gilberto Freyre atendia a uma demanda política de setores hegemônicos da sociedade brasileira, sobretudo aqueles ligados aos interesses oligárquicos e mais tradicionais. A organização e o desenvolvimento do futebol, no Brasil, não se deu muito distante dessa estrutura, donde o uso populista do imaginário de Freyre pareceu muito conveniente, sobretudo num momento em que o esporte de disseminava e se constituía em paixão nacional.

-
- ¹ CASTORIADIS, Cornelius. A instituição e o imaginário. Primeira abordagem. In: **A instituição imaginária da sociedade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- ² ZAIDAN FILHO, Michel. Gilberto Freyre e a "brasilidade nordestina" In: www.artnet.com.br/gramsci/arquiv177.htm.
- ³ THOMAZ, Omar Ribeiro. Introdução. In: FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil**. Aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 36.
- ⁴ FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. 1º tomo. 14ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969, p. XXXI.
- ⁵ FREYRE, Gilberto. **Sociologia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.
- ⁶ Mario Filho. **O negro no futebol brasileiro**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- ⁷ FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Op. cit. p. XXXIV.
- ⁸ FREYRE, Gilberto. **Sociologia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945, p. 432.
- ⁹ Idem, p. 421/2.
- ¹⁰ Sobre a influência do pensamento de Freyre na obra de Mario Filho e deste na história do futebol brasileiro, ver: SOARES, Antonio J. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, R. SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- ¹¹ FREYRE, G. Prefácio. In: Mario Filho. **O negro no futebol brasileiro**. Op cit, p. 24.
- ¹² FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. 2º tomo. 14ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969, p 578.
- ¹³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1969.
- ¹⁴ CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: Literatura e sociedade. 8ª ed. São Paulo: T. A Queiroz : Publifolha, 2000.
- ¹⁵ BRESCIANI, Stella. Identidades no Brasil do século XX. Fundamentos de um lugar-comum. In: BRESCIANI, S. : NAXARA, M. (Orgs.) **Memórias e (res)sentimentos**. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora Unicamp, 2001, pp. 403-429.
- ¹⁶ Ver nesse sentido, entre outros: SEVCENKO, Nicolau. Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, A. **História da vida privada**. Vol. 3 - SEVCENKO, Nicolau (Org.) República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 7-48.
- ¹⁷ CANDIDO, op. cit., p. 102.
- ¹⁸ Idem, p. 103.
- ¹⁹ Idem, p. 110/1.
- ²⁰ Idem, p. 114.
- ²¹ BRESCIANI, op. cit.
- ²² Idem, p. 424.
- ²³ Candido, op. cit. P. 113.